
VOLUME 2

AS MEMÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES¹



1. Publicado pela primeira vez em forma de livro (sem “A caixa de papelão”) por George Newnes, Limited, numa edição de 10.000 exemplares, como volume três da *Strand Library* em 13 de dezembro de 1893, contendo 90 ilustrações de Sidney Paget. A primeira edição americana foi publicada em 2 de fevereiro de 1894, por Harper & Brothers, Nova York, e incluiu “A caixa de papelão”.



O PACIENTE RESIDENTE¹

O texto de “O paciente residente” ficou gravemente desfigurado quando os editores da primeira edição das Memórias eliminaram “A caixa de papelão” e deslocaram sua cena de abertura para o relato que Watson faz deste caso. Aqui ele é restaurado à sua versão original tomada da Strand Magazine. Quando chamado pelo jovem dr. Percy Trevelyan para desvendar o mistério de seu “paciente residente” (isto é, um paciente que mora na mesma residência que seu médico, prática que o próprio Conan Doyle adotou certa vez), Holmes descobre águas muito mais profundas que as imaginadas por Trevelyan. Ele faz poucas “deduções” neste caso, valendo-se sobretudo de seu imenso conhecimento da literatura sensacionalista da época e de sua lembrança de crimes não-solucionados. Como o caso reflete também os percalços de um jovem médico ainda formando uma clientela — assunto que não pode deixar de suscitar as simpatias dos drs. John Watson e Arthur Conan Doyle —, podemos compreender por que foi incluído nestas Memórias.

Passando os olhos na série um tanto incoerente de casos com que procurei ilustrar algumas das peculiaridades mentais de meu amigo Sherlock Holmes, impressionou-me a dificuldade que tive em escolher exemplos que atendessem a meu propósito sob todos os aspectos. Pois naqueles casos em que Holmes realizou algum *tour de force* de raciocínio analítico e demonstrou o valor de seus métodos peculiares de investigação, os próprios fatos foram muitas vezes tão insignificantes ou banais que não pude me sentir justificado em expô-los perante o público. Por outro lado, aconteceu muitas vezes de ele ter se envolvido em alguma investigação em que os fatos foram do mais extraordinário e dramático caráter, mas sua própria participação na determinação de suas causas foi menos marcante do que eu, como seu biógrafo, poderia desejar. O pequeno problema que narrei sob o título *Estudo em vermelho*² e aquele posterior relacionado à perda do

1. “The Resident Patient” foi publicado na *Strand Magazine* em agosto de 1893 e em *Harper’s Weekly* (Nova York) em 12 de agosto de 1893.

2. Talvez Watson pretenda aqui apontar *Estudo em vermelho* como um caso em que, embora “os fatos [tenham sido] do mais extraordinário e dramático caráter”, a participação de Holmes foi pequena. Embora seja verdade que ele fez uma imediata e brilhante identificação do assassino, o caso só foi realmente “resolvido” graças à reação suicida de Hope ao anúncio de Holmes e posterior confissão completa. Watson pode ter sentido que talvez tenha exagerado o mérito de Holmes em concluir essa investigação.



3. Segundo a mitologia grega, Cila e Caribdes eram monstros marinhos que guardavam o estreito de Messina. Uma vez uma linda donzela, Cila foi transformada (seja por uma Circe ciumenta ou por uma Anfitrite ciumenta) num monstro marinho com seis cabeças, doze pés e lombos de cães ululantes; morava numa caverna, agarrando marinheiros de navios que passavam e devorando-os. Na *Odisséia* de Homero, ela comeu seis dos companheiros de Ulisses. Em frente a Cila morava Caribdes, uma filha de Posêidon que fora transformada por Zeus num monstro semelhante a um remoinho por roubar o gado de Hércules. Ver-se preso entre Cila e Caribdes significa em geral só conseguir evitar um problema para esbarrar em outro ou, numa expressão mais popular, estar “entre a cruz e a calderinha”. Watson usa a expressão aqui num sentido um pouco mais benigno, para indicar sua divisão entre seus impulsos como escritor e sua lealdade para com o amigo.

4. O segundo e o terceiro parágrafos de “O paciente residente” como aparecem em seguida constituem o texto original tal como figurou na publicação na *Strand Magazine* em 1893. Ver página 279 para uma discussão de variações textuais.

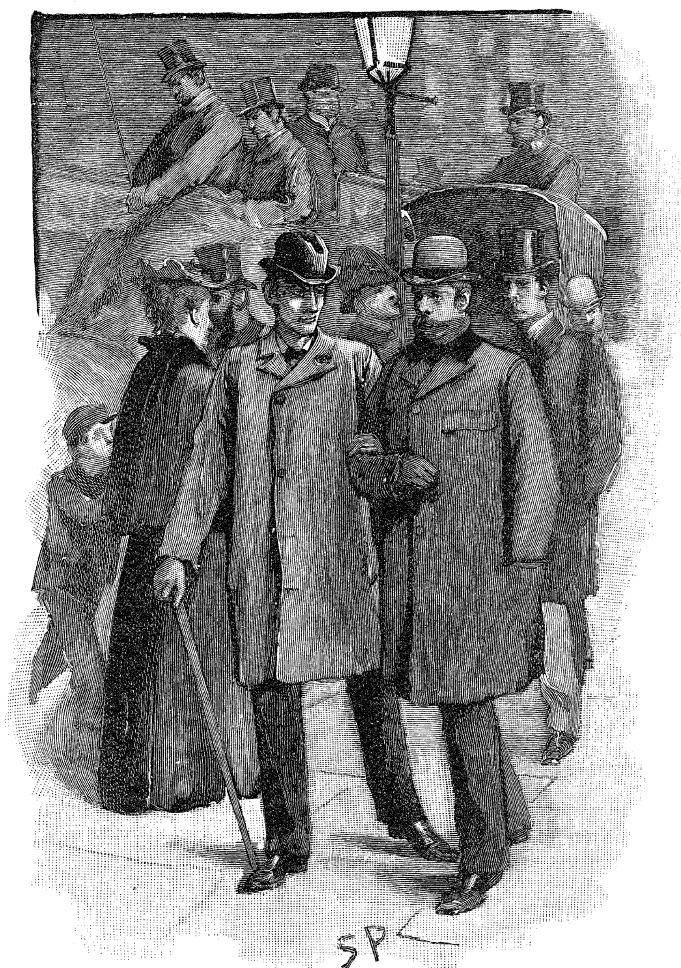
Gloria Scott podem servir de exemplos desse Cila e Caribdes³ que ameaçam incessantemente seu historiador. Pode ser que, no caso sobre o qual estou agora prestes a escrever, o papel desempenhado por meu amigo não seja suficientemente considerável; apesar disso, todo o encaideamento das circunstâncias é tão extraordinário que não posso me forçar a omiti-lo desta série.⁴

Não posso ter certeza da data precisa, pois algumas de minhas anotações sobre o assunto se perderam, mas deve ter sido perto do final do primeiro ano em que Holmes e eu partilhamos aposentos em Baker Street. Fazia um tempo tempestuoso de outubro e nós dois havíamos passado o dia todo em casa. Eu porque temia expor minha saúde combalida ao vento cortante do outono, ao passo que ele estava mergulhado em alguma daquelas abstrusas investigações químicas que o absorviam por completo enquanto se dedicava a elas. Quando caía a noite, porém, a quebra de um tubo de ensaio encerrou prematuramente sua pesquisa e ele saltou de sua cadeira com uma exclamação de impaciência e a fronte anuviada.

“O trabalho de um dia inteiro arruinado, Watson”, disse, indo até a janela. “Ah! O céu está estrelado e o vento amainou. Que tal dar uma volta por Londres?”

Enfado de nossa pequena sala de estar, concordei com prazer e agasalhei-me até a altura do nariz contra o ar penetrante da noite. Durante três horas perambulamos juntos, observando o caleidoscópio sempre cambiante da vida em seus fluxos e refluxos por Fleet Street e o Strand. Holmes se livrara de seu mau humor temporário, e sua conversa característica, com sua





"Perambulamos juntos." [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]

5. A percepção popular, consideravelmente estimulada pelo trabalho de Nigel Bruce em várias representações de Watson em filmes, é que o próprio médico tem pouca ou nenhuma capacidade de raciocínio dedutivo e que atua meramente como uma caixa de ressonância para Holmes. Aqui, Watson se entrega a um típico movimento de autodepreciação e sugere que não pode fazer nada melhor que tentar imitar as habilidades superiores do próprio Holmes. Mas essa subestimação das capacidades de Watson é desmentida por vários casos de acuidade que ocorrem através do Cânone. Compare-se, por exemplo, as ótimas inferências que Watson faz aqui com aquelas de "Escândalo na Boêmia", onde faz várias deduções a partir do papel da carta enviada pelo "conde von Kramm" antes que Holmes verbalize as suas; "As cinco sementes de laranja", em que deduz rapidamente o envolvimento de um homem do mar com base nos carimbos postais nas ameaças; *O signo dos quatro*, onde é capaz de deduzir, com apenas uma pequena ajuda de Holmes, que o assassino entrou pelo telhado; *O cão dos Baskerville*, onde suas conclusões acerca do dr. James Mortimer a partir de sua bengala são próximas das do próprio Holmes; "O mistério do vale Boscombe", onde avalia corretamente os ferimentos fatais de MacCarthy; "Vila Glicínia", onde faz uma série de inferências certeiras sobre Scott Eccles. Veja-se em especial *O cão dos Baskerville*, onde cartas de Watson a Holmes estão cheias de observações e deduções argutas e onde Holmes cumprimenta Watson, dizendo: "Nossas investigações têm evidentemente corrido em linhas paralelas."

arguta observação de detalhes e a sutil capacidade de inferência, manteve-me distraído e encantado. Às dez horas já estávamos de volta a Baker Street. Um *brougham* esperava à nossa porta.

"Hum! De médico... de um clínico geral, pelo que vejo", disse Holmes. "Não faz muito tempo que está clinicando, mas tem bastante trabalho. Veio nos consultar, imagino! Que sorte termos voltado!"

Eu estava suficientemente familiarizado com os métodos de Holmes para ser capaz de acompanhar seu raciocínio⁵ e ver que a natureza e o estado dos vários



6. Uma “lesão” é uma alteração anormal da estrutura de um órgão ou parte do corpo em decorrência de ferimento ou doença. O assunto das “lesões nervosas” — isto é, da relação dos nervos com a doença — era pouco compreendido pela medicina vitoriana, e, nesse contexto (e no artigo do dr. Trevelyan), “obscuro” provavelmente significa “não facilmente compreensível”.

instrumentos médicos na cesta de vime que pendia da lanterna no interior do *brougham* lhe haviam fornecido os dados para essa rápida dedução. A luz em nossa janela lá em cima mostrava que essa visita tardia era de fato para nós. Com alguma curiosidade quanto ao que nos poderia ter enviado um colega médico a uma hora daquela, segui Holmes rumo ao nosso santuário.

Um homem pálido, de rosto fino e costeletas ruivas, levantou-se de uma cadeira junto ao fogo quando entramos. Não devia ter mais de trinta e três ou trinta e quatro anos, mas sua expressão abatida e cor enfermiça falavam de uma vida que lhe havia minado a força e roubado a juventude. Suas maneiras eram nervosas e tímidas, como as de um cavalheiro sensível, e a mão magra e branca que pousou no consolo da lareira ao se levantar era a de um artista, não a de um cirurgião. Seus trajes eram discretos e escuros, uma sobrecasaca preta, calça escura e um toque de cor na gravata.

“Boa noite, doutor”, disse Holmes, alegremente. “Estou satisfeito por ver que só esperou uns poucos minutos.”

“Falou com meu cocheiro, então?”

“Não, foi a vela na mesinha que me informou. Por favor, sente-se novamente e deixe-me saber em que lhe posso ser útil.”

“Meu nome é dr. Percy Trevelyan”, disse nosso visitante, “e moro em Brook Street número 403.”

“Não é o autor de uma monografia sobre lesões nervosas obscuras?”⁶ perguntei.

Suas faces pálidas ruborizaram-se de prazer ao ouvir que eu conhecia a sua obra.



“Ouço falar desse trabalho tão raramente que pensei que estava inteiramente esquecido”, disse ele. “Meus editores me dão notícias das mais desalentadoras sobre sua venda. O senhor é médico, presumo?”

“Um médico do exército aposentado.”

“Meu *hobby* sempre foram as doenças nervosas. Teria desejado fazer delas minha especialidade absoluta, mas, é claro, temos de nos contentar com o que se oferece, para começar. Mas isso não vem ao caso, Mr. Sherlock Holmes, e sei perfeitamente o quanto seu tempo é precioso. O fato é que uma seqüência de eventos muito singulares ocorreu recentemente em minha casa, em Brook Street, e esta noite eles chegaram a tal ponto que me pareceu impossível esperar mais uma hora antes de pedir seu conselho e assistência.”

Sherlock Holmes sentou-se e acendeu o cachimbo. “Estou às suas ordens”, disse. “Por favor, faça-me um relato detalhado das circunstâncias que o perturbaram.”

“Uma ou duas delas são tão triviais”, disse o dr. Trevelyan, “que realmente quase me envergonho de mencioná-las. Mas o caso é tão inexplicável, e o rumo que tomou recentemente é tão intrincado, que vou expô-lo todo e o senhor julgará o que é essencial e o que não é.”

“Sou obrigado, para começar, a dizer alguma coisa sobre minha própria carreira universitária. Formei-me pela Universidade de Londres,⁷ e tenho certeza de que não pensarão que estou me gabando indevidamente se disser que minha carreira estudantil foi considerada muito promissora pelos meus mestres. Depois de me formar continuei a me dedicar à pesquisa, ocupando um cargo pouco importante no King’s College Hospital,

7. Watson também freqüentou a Universidade de Londres, onde obteve seu diploma de médico em 1878 (*Estudo em vermelho*).



8. Uma pessoa acometida de catalepsia experimental teria um súbito enrijecimento dos músculos, de tal modo que seus membros permaneceriam fixados em qualquer posição em que fossem postos. A catalepsia tende a ser um sintoma de vários distúrbios clínicos como a epilepsia e a esquizofrenia.

No século XIX, muitos escritores usaram os efeitos impressionantes da catalepsia em sua ficção (talvez, como sugerido num *Journal of the History of the Neurosciences* de 2000, como um substituto da epilepsia) em busca de um efeito dramático. No poema escrito por Alfred Tennyson em 1847, “The Princess”, o narrador, com diagnóstico de catalepsia, confessa ter “estranhos ataques” em que “tenho a impressão de me mover em meio a um mundo de fantasmas/ E sintome à sombra de um sonho”. O narrador cataléptico em “The Premature Burial” (1850) de Edgar Allan Poe entra muitas vezes num estado “sem dor, sem capacidade de me mover ou, estritamente falando, de pensar, mas com uma nebulosa e letárgica consciência da vida”. Aterrorizado pela idéia de ser enterrado vivo durante um de seus ataques, o narrador de Poe alerta os amigos para que só o enterrem quando tiver começado a se decompor; providencia para que o túmulo da família seja abastecido com comida e água em abundância e tenha uma porta que possa ser aberta por dentro; e projeta para si mesmo um caixão “morna e maciamente acolchoado” com uma tampa acionada por molas. Apesar de todas essas precauções, o narrador, quando afastado de casa numa viagem, acaba sendo enterrado vivo, tal como a igualmente cataléptica Madeline de Poe em *The Fall of the House of Usher* (1839). E o amargo e sem amigos personagem epônimo de *Silas Marner* (1861) de George Eliot, parado na soleira de sua casa, perde um tempo de duração indeterminada quando foi tocado “pela invisível vara de condão da catalepsia, e permaneceu como um ídolo, os olhos abertos mas incapazes de enxergar, segurando sua porta aberta, impotente para resistir seja ao bom ou ao mau que nela pudessem entrar”.

9. A Cavendish Square e a área circundante, em especial Harley e Wimpole Streets, eram conhecidas por abrigar os consultórios de alguns dos mais exclusivos médicos de Londres. Na obra de Robert Louis Stevenson, *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hide* (1886), o dr. Lanyon, um amigo e colega do dr. Jekyll, morava e atendia pacientes na “Cavendish Square, aquela cidadela da medicina”. Florence Nightingale trabalhou como superintendente do Institute of Sick Governesses após a transferência deste para Harley Street em 1853; a Royal Society of Medicine tem sede em Wim-



Universidade de Londres [The Queen's London, 1897]

e tive a sorte de despertar considerável interesse com minha pesquisa sobre a patologia da catalepsia,⁸ e por fim de ganhar o prêmio e a medalha Bruce Pinkerton pela monografia sobre lesões nervosas a que seu amigo acaba de aludir. Não estaria exagerando se dissesse que havia na época uma impressão geral de que eu tinha uma carreira ilustre pela frente.

“O único grande obstáculo consistia em minha falta de capital. Como o senhor compreenderá prontamente, um especialista com ambições elevadas é obrigado a começar numa de uma dúzia de ruas na área de Cavendish Square,⁹ que envolvem todas enormes aluguéis e despesas com equipamento. Além dessa despesa inicial, deve estar preparado para se manter durante alguns anos e alugar uma carruagem e um cavalo apresentáveis. Isso estava muito além de minhas possibilidades e tudo que eu podia esperar era, economizando, conseguir amealhar em dez anos o bastante



para me permitir abrir meu consultório. De repente, no entanto, um incidente inesperado abriu uma perspectiva inteiramente nova para mim.

“Foi a visita de um cavalheiro chamado Blessington, que me era um completo estranho. Ele foi ao meu quarto um dia e passou imediatamente a tratar de negócios.

“O senhor é o mesmo Percy Trevelyan que teve uma carreira tão eminente e foi agraciado com um grande prêmio recentemente?”

“Assenti.

“Responda-me francamente, pois verá que isso é do seu interesse. O senhor tem toda a inteligência que faz um homem de sucesso. Tem também o tato?”

“Não pude deixar de sorrir diante da intempestividade da pergunta.

“Acredito ter uma boa dose.”

“Nenhum mau hábito? Não é chegado a um copo, há?”

“Francamente, senhor!”

“Tem razão! Está certo! Mas eu tinha de perguntar. Com todas essas qualidades, por que não está clinicando?”

“Sacudi os ombros.

“Vamos, vamos!” disse ele, à sua maneira estabanada. “É a velha história. Tem mais nos miolos do que no bolso, não é? Que diria se eu o instalasse em Brook Street?”

“Encarei-o, espantadíssimo.”

“Oh, faria isso no meu próprio interesse, não no seu”, exclamou ele. “Vou ser inteiramente franco com o senhor, e se isso lhe convier, me convirá muito bem. Tenho alguns milhares para investir, entende, e acho que vou aplicá-los no senhor.”

pole Street, 1, desde 1912. Arthur Conan Doyle teve consultório em Upper Wimpole Street, 3, de março a maio de 1891, quando tentou formar uma clientela como oftalmologista.



10. Isto é, no dia 25 de março, na Festa da Anunciação; ou a celebração do anúncio feito a Maria pelo anjo Gabriel de que ela daria à luz o filho de Deus.

“Mas a troco de quê?’ perguntei, ofegante.

“Bem, é uma especulação como outra qualquer, e mais segura que a maioria.’

“E eu, que devo fazer?’

“Eu lhe direi. Vou alugar a casa, mobiliá-la, pagar as criadas e administrar tudo. O senhor terá apenas de usar a cadeira do consultório. Vou lhe dar dinheiro para suas pequenas despesas e tudo de que precisar. Depois o senhor me entregará três quartos do que ganhar e ficará com o outro quarto.’

“Essa foi a estranha proposta, Mr. Holmes, com que esse Blessington se aproximou de mim. Não vou aborrecê-lo com o relato da negociação. O resultado foi que me mudei para a casa no Lady Day,¹⁰ e comecei a clinicar nas condições que ele havia sugerido. Ele



“Encarei-o, espantadíssimo.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]



tinha um coração fraco, ao que parecia, e precisava de supervisão médica constante. Transformou os dois melhores aposentos do segundo andar em uma sala de estar e um quarto de dormir para si mesmo. Era um homem de hábitos singulares, evitando companhia e saindo muito raramente. Sua vida era irregular, mas sob certo aspecto ele era a própria regularidade. Toda noite à mesma hora entrava no consultório, examinava os livros, separava cinco xelins e três *pence* de cada guinéu¹¹ que eu tinha ganhado, e levava o resto para o cofre que tinha em seu quarto.

“Posso dizer com certeza que ele nunca teve motivo para se arrepende de sua especulação. Foi um sucesso desde o início. Alguns casos bons e a reputação que eu granjeara no hospital projetaram-me rapidamente e nestes dois últimos anos fiz dele um homem rico.

“É o que tinha a lhe dizer, Mr. Holmes, sobre minha história passada e minhas relações com Mr. Blessington. Agora me resta apenas lhe contar o que ocorreu para me trazer aqui esta noite.

“Algumas semanas atrás Mr. Blessington veio falar comigo no que me pareceu um estado de considerável agitação. Falou de um roubo que teria acontecido, pelo que disse, no West End, e pareceu, lembro-me bem, muito desnecessariamente alvoroçado por causa disso, declarando que naquele dia mesmo mandaríamos instalar ferrolhos mais fortes em nossas janelas e portas. Durante uma semana ele continuou num peculiar estado de inquietação; estava sempre vigiando pelas janelas e deixou de fazer a rápida caminhada que costumava ser

11. Como um guinéu vale 21 xelins e um xelim vale 12 pence, “cinco xelins e três pence” é exatamente um quarto de um guinéu.



12. Comparação partilhada pelo rei da Boêmia em “Escândalo na Boêmia”.

o prelúdio de seu jantar. Suas maneiras deram-me a impressão de que ele estava mortalmente apavorado com alguma coisa ou alguém, mas quando o interroguei a respeito mostrou-se tão agressivo que fui obrigado a desistir. Pouco a pouco, com o passar do tempo, seus medos pareceram desvanecer, e ele retomara seus antigos hábitos, quando um novo fato o reduziu ao deplorável estado de prostração em que se encontra agora.

“O que aconteceu foi o seguinte. Dois dias atrás eu recebi a carta que lerei agora para o senhor. Não tem endereço nem data.

Um nobre russo que reside atualmente na Inglaterra gostaria de recorrer à assistência profissional do dr. Percy Trevelyan. Tem sido vítima há alguns anos de ataques catalépticos, mal no qual o dr. Trevelyan é uma autoridade reconhecida. Pretende visitá-lo amanhã por volta das cinco e quinze da tarde, se for da conveniência do dr. Trevelyan estar em casa.

“Esta carta interessou-me profundamente porque a principal dificuldade no estudo da catalepsia reside na raridade da doença. Não tenha dúvida, portanto, de que eu estava em meu consultório quando, na hora combinada, o mensageiro introduziu o paciente.

“Era um homem idoso, magro, sério e comum — em nada correspondendo à idéia que se tem de um nobre russo. Fiquei muito mais impressionado com a aparência de seu companheiro. Este era um rapaz alto, surpreendentemente bonito, o rosto sombrio, carrancudo e os membros e o peito de um Hércules.¹² Tinha a mão sob o braço do outro quando entraram, e ajudou-o



a se sentar com uma delicadeza que dificilmente se teria esperado de alguém com sua aparência.

“O senhor vai me desculpar por ter vindo, doutor’, disse-me ele, falando inglês com um ligeiro ceceo. ‘Este é meu pai, e a saúde dele é um assunto da máxima importância para mim.’

“Fiquei tocado por seu zelo filial. ‘Talvez o senhor deseje assistir à consulta’, disse eu.

“Por nada neste mundo’, exclamou com um gesto de horror. ‘Isso é mais penoso para mim do que posso expressar. Se tivesse de ver meu pai num desses aflitivos ataques, estou convencido de que não sobreviveria. Meu próprio sistema nervoso é excepcionalmente sensível. Com sua permissão, ficarei na sala de espera enquanto o senhor examina o caso de meu pai.’



“Ajudou-o a se sentar.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1893]